

POESIAS

Luz e poeira

A A. BARREIROS

Quando paira a lua calma
pela vasta immensidade,
hora em que as petalas d'alma
bate a brisa da saudade,

em que das nevoas errantes
treme o véu incerto e leve,
como suspiros brilhantes,
como soluções de neve,

qual da luz ao peso, o lyrio
curva e esgota o collo cheio,
tambem de estranho martyrio
exhala o pranto meu seio.

São as lucidas chimeras,
de out'rra, — mundos risonhos,
brancos diluvios de sonhos,
das passadas primaveras.

Das minhas rotas auroras
vão me passando em segredo
as constellações sonoras
que se partiram tão cedo.

De novo traçada a curva
no céu das minhas lembranças
imprime a lagryma turva
de finadas esperanças.

Batendo as azas na treva,
ave do meu pensamento,
onde arrastada vos leva
o sopro errante do vento ?

Passae, castellos brilhantes
que ideei na phantasia !
Ondas de pó inconstantes !
Notas de extinct aharmonia !

Sombras de um sol apagado !
Perfumes de murchas flores !
Larvas de um sonho gelado !
Fatuos phantasmas de amores !

Correi no meu pensamento
bem como espectros funereos,
pisando o marmor poento
das lousas dos cemiterios !

Visões lucidas e tredas
de tanto ideal desfeito,
não acordeis, — durmam quedas
as illusões no meu peito !

S. Paulo — 1876.

THEOPHILo DIAS.

Pejo posthumo

Quando Alice morreu hontem,
ao triste cahir do dia,
depuz sobre a terra fria
da morte a branca visão...
Antes de dal-a ao caixão,
tomado de certo anceio,
busquei descobrir-lhe o seio
do lado do coração...
Aquelle corpo já frio
dir-se-ia ressuscitou !
Ai ! não foi crença illusoria...
aquella face marmorea
depois de morta — corou !

LINS DE ALBUQUERQUE